

CHICO ANTÔNIO, por Mário de Andrade¹

Uma das sensações musicais mais fortes de minha vida foi ouvir o “coqueiro” norte-rio-grandense Chico Antônio². A fama dele inda não se espalhou por todo o Estado que nem a de Fabião das Queimadas, de Maria Trubana ou de Manuel do Riachão mas não creio que musicalmente esses tenham sido superiores a Chico Antônio. Pelo menos já sei por informações muito seguras que esses três cantadores foram mais poetas que músicos. O cantador de desafio se especializa no verso improvisado. Uma toada basta para ele, mais propriamente recitativo que melodia quadrada, com a linha bastante elástica para que o improvisador possa encaixar nela os diversos metros e formas estróficas que emprega. Isso eu mesmo verifiquei e o dr. Eloy de Souza que conheceu profundamente Fabião, pôs em dúvida ser da invenção deste uma cantiga linda que colhi como da autoria do cantador.

Ora, Chico Antônio, apesar de improvisador bom e capaz de sustentar um desafio na embolada, se afasta dos outros por ser essencialmente musical. É mesmo duma musicalidade tão prodigiosa e tão íntima que consegue, ao longo dos cocos que tira, manifestar esse poder de problemas estéticos, psicológicos, fisiológicos do fenômeno musical.

Chico Antônio é novo ainda. Tem 27 anos espigados, duma simpatia apaixonante, com a cara vívida falando “Está bom”, “não faz mal” e frases assim perdoadoras para todos os erros gostosos dessa vida. Cobre tudo um sapê luzido, castanho escuro, cujo pente mais possível é mesmo o chapelão. A voz de canto é

¹ Crônica escrita em Natal-RN, durante a “viagem etnográfica” realizada por Mário de Andrade entre dezembro de 1928 e março de 1927, cujos registros estão reunidos em *O turista aprendiz* (ANDRADE, Mário de. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002). No estabelecimento de texto para esta edição a ortografia foi atualizada, no entanto, mantém-se a pontuação da publicação original. Todas as notas foram elaboradas pelo editor da revista *Imburana*.

A crônica foi publicada originalmente no jornal *A República* (Natal, 27 jan. 1929, p. 03) e posteriormente nos livros: *Os cocos* (ANDRADE, Mário de. Preparação, ilustração e notas de Oneyda Alvarenga. São Paulo: Duas Cidades; Brasília: INL/ Fundação Pró-Memória, 1984. p. 37), *Vida do cantador* (ANDRADE, Mário de. Edição crítica de Raimunda de Brito Batista. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Villa Rica, 1993. p. 168-169) e *Memória viva de Chico Antônio* (LYRA, Carlos [Org.]. Natal: Sebo Vermelho, 2015).

² Chico Antônio – Francisco Antônio Moreira (1904-1993) – foi embolador, coqueiro, cantador.

magnífica, um bocado estragada já por noites inteiras de abuso. Mas nos dias em que Chico Antônio está “de voz” não é possível a gente imaginar timbre mais agradável. Timbre nosso muito, firme, sensual, acalorado por esse jeito nasal de cantar que é uma constância de todo o povo brasileiro. Apenas Chico Antônio quintessenciou esse jeito nosso de cantar. É um nasal discreto, bem doce e mordente, um nasal caju.

Tive ocasião de escutar vários coqueiros nesta viagem. E cantadores. O que me espanta mais em Chico Antônio, um analfabeto, é o refinamento inconsciente do canto dele. Na certa que inconsciente, pois Chico Antônio se põe cantando, quer esteja com voz boa quer esteja rouco. Ele não sabe todas as finezas magníficas com que canta. No “Boi tungão”, no “Jurupã”, no “Yayá, olha o boi”, cocos dos mais bonitos que tira, com que arte ele fecha as frases em fermatas nasais, prolongadas enquanto o coro parte no refrão! Varia as emboladas dentro do mesmo coco e às vezes com uma audácia estupenda, sai da embolada e parte num canto largo duplicando os valores de tempo, criando ritmos contratempados riquíssimos enquanto a “pancada do ganzá” vai golpeando no mesmo movimento rápido anterior. É de deveras admirável.

Pois dentro desse individualismo de coqueiro absolutamente excepcional, Chico Antônio tem um valor social formidável. É a expressão mais pura que encontrei da musicalidade litorânea do Nordeste. E o povo reconhece a superioridade de Chico Antônio. Pelas bandas de Goianinha e Penha, por ali tudo ninguém ignora o nome dele. Todos o amam e até os discípulos de outros coqueiros conhecem e imitam o jeito “de Chico Antônio vadiá”. Talqualmente sucedeu com Manuel do Riachão, já corre a lenda que Chico Antônio tem parte com o Maioral. Ele mesmo descreve com volubilidade desnorteante a briga que teve com o Cão e a visita ao inferno.

Descreve de maneira moderníssima e impressionante. Abandona o reconto no meio, jamais que o acaba, o envolve de frases e palavras tradicionais, pouco se amolando com a claridade do sentido. O que o embala é a música. As palavras pra ele não passam de valores musicais, duma claridade sonora muitas vezes esplêndida e sempre adequada. E essas palavras ajuntadas assim numa função que na aparência é meramente musical, tiradas da subconsciência pela procura de ritmo, rima e som, têm gosto de terra, de amor, de trabalho, e vanglória individualista. E o povo se deixa encantar. Dentro da magnífica expressão individualista dele, Chico Antônio é um valor social exato. O canto dele exerce a função das encantações primitivas, canto de todos num rito de dinamogênias benfazejas. A gente se deixa encantar e não pode mais sair dali.

Chico Antônio principiou cantando e era de noite. O carbureto riscava um semicírculo vasto na frente da sede do Bom-Jardim. Os moradores vieram vindo atraídos. Sentavam, se acocoravam, ficavam em pé na barra do semicírculo da luz, vultos imóveis na escuridão. Escutando. Enquanto durou a cantiga ninguém não se afastou dela. Nem eu, sentido se renovarem as forças nativas que de tempo em tempo careço de retemperar, viajando por meu país.

A República, Natal-RN, 27 jan. 1929, p. 03